

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT09.003](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT09.003)

DESENVOLVIMENTO AFETIVO (EMOCIONAL): MOTIVAÇÃO, AUTOESTIMA E INFLUÊNCIA NO ENSINO E NA APRENDIZAGEM

Fabio Marques de Oliveira Neto

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, fabiomarques@watfordnatal.com.br;

Vaneska Oliveira Caldas

Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, vaneskacaldas@gmail.com;

Waleska Barroso dos Santos Kramer Marques

Mestre em Educação pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte, waleskakramer@gmail.com.

RESUMO

O presente artigo busca discutir as abordagens construtivistas, bem como a importância da autoestima para um aprendizado pleno. Parte-se da premissa de que os aspectos emocionais são extremamente relevantes à forma como assimilamos os conteúdos, e que eles podem ser decisivos na formação de um ser humano engajado à sociedade. Os fundamentos teóricos de Piaget, Vygostky e Wallon permeiam e fundamentam as análises sobre o vínculo entre professor e aluno no processo de aprendizagem; a importância da autoestima e da escola. Conclui-se que o relacionamento afetivo proporciona interação, respeito, dedicação e vontade de aprender, enfatizando o papel do professor, que deve propiciar excelentes oportunidades para elevar o rendimento escolar dos educados, tornando a aprendizagem mais agradável e produtiva.

Palavras-chave: Construtivismo; Aprendizagem; Aspectos Emocionais

INTRODUÇÃO

Vivemos em uma época na qual o tempo é escasso, pois os pais necessitam trabalhar o dia inteiro para o sustento da família. Logo, esta ausência provoca um distanciamento entre pais e filhos, o que acaba acarretando problemas afetivos nas crianças e promovendo entraves no processo de ensino e aprendizagem, o que resulta em falta de motivação para aprender por parte das crianças.

O professor tem que estar preparado para trabalhar a afetividade do aluno, paralelamente ao trabalho fundamentado em aspectos cognitivos da criança. Caso contrário, poderá encontrar muitos problemas em relação à disciplina e, conseqüentemente, à aprendizagem.

É preciso ter em mente que a educação não é tarefa exclusiva do professor e que a escola não é o único espaço reservado à aprendizagem. Toda a sociedade deve voltar-se para a educação, proporcionando os mais diversos espaços físicos, para o alcance dos objetivos cognitivos pretendidos para estudantes em geral.

Família e escola são responsáveis pela construção da autoestima do aluno. Essas duas instituições têm a incumbência de transmitir confiança e de despertar os sentimentos do mesmo, fortalecendo, assim, as suas estruturas emocionais. Família e escola, quando caminham juntas, colaboram no processo de aprendizagem, inicialmente, através da afetividade. Ambas devem ser vistas como “portos seguros” do indivíduo, como pontos de busca de apoio para o mesmo em todas as horas.

Ensinar é muito mais do que transmitir conteúdo, pois requer afetividade entre professor e aluno, sempre na busca de soluções de dificuldades da aprendizagem do educando, demandando, sobretudo, o amor do professor pela delícia de ensinar.

A afetividade existente em todos nós deve ser valorizada e inserida em nossas ações do cotidiano, é necessário que possamos aprender a agir com razão e emoção em nossas atitudes mais simples e rotineiras, buscando assim, um preenchimento completo das nossas necessidades vitais e procurando, cada vez mais, nos tornarmos seres conscientes e completos em nossas ações.

Este trabalho busca discutir as abordagens construtivistas, bem como a importância da autoestima para um aprendizado pleno. Acredita-se que os aspectos emocionais são extremamente relevantes à forma como assimilamos os conteúdos, e que eles podem ser decisivos na formação de um ser humano engajado à sociedade.

ASPECTOS DA AFETIVIDADE

A afetividade está presente em vários aspectos da vida humana, em tudo aquilo que está fora das pessoas, como os fatos e acontecimentos, bem como naquilo que está interno (causas subjetivas), a exemplo dos medos, conflitos, anseios, etc. A afetividade possibilita avaliar também os fatos e acontecimentos de nosso passado e nossas perspectivas futuras.

O melhor exemplo que encontramos para entender a afetividade é compará-la a óculos através dos quais vemos o mundo. São esses hipotéticos óculos que nos fazem enxergar nossa realidade desse ou daquele jeito. Se esses óculos não estiverem certos, podemos enxergar as coisas maiores ou menores do que são, mais coloridas ou mais cinzentas, mais distorcidas ou fora de foco. Tratar da afetividade significa regular os óculos através dos quais vemos nosso mundo.

Uma das dificuldades no estudo da afetividade é a definição do que realmente significa o termo. Na linguagem geral, afeto relaciona-se com sentimentos de ternura, carinho e simpatia. Nas mais variadas literaturas, afetividade está relacionada aos mais diversos termos: emoção, estados de humor, motivação, sentimento, paixão, atenção, personalidade, temperamento e outros tantos.

Diretamente ligada à emoção, a afetividade consegue determinar o modo pelo qual as pessoas visualizam o mundo e também a forma com que se manifesta dentro dele. Todos os fatos e acontecimentos da vida de uma pessoa trazem recordações e experiências. Dessa forma, a presença ou ausência do afeto determina a forma pela qual um indivíduo se desenvolverá, além de refletir a autoestima das pessoas a partir da infância, pois quando uma criança recebe afeto dos outros, consegue crescer e desenvolver com segurança e determinação.

A afetividade é uma sensação de extrema importância para a saúde mental de todos os seres humanos por influenciar o desenvolvimento geral, o comportamento e o desenvolvimento cognitivo.

Quando uma mãe abre os braços para receber um bebê que dá seus primeiros passos, expressa, com gestos, a intenção de acolhê-lo e ele reage caminhando em sua direção. Com esse movimento, a criança amplia seu conhecimento e é estimulada a aprender a andar. Assim como ela, toda pessoa é afetada tanto por elementos externos (o olhar do outro, um objeto que chama a atenção, uma informação que recebe do meio), quanto por sensações internas (medo, alegria, fome) e, invariavelmente, provocam respostas por parte dos indivíduos, desde a mais tenra idade. Essa condição humana recebe o nome de afetividade e é crucial para o desenvolvimento.

IMPORTÂNCIA DE PIAGET

O psicólogo suíço, Jean Piaget, defendeu o desenvolvimento psicológico como único em suas dimensões ativas e cognitivas, pois, para ele, durante toda a vida de um indivíduo existe uma equivalência entre as construções afetivas e cognitivas. Piaget centrou seus estudos na psicologia afetiva da criança e no estudo da inteligência, ressaltando aspectos como: reações afetivas e intelectuais infantis ao julgamento moral, reações rebeldes, obediência e sentimentos de carinho e temor.

Para o autor a afetividade não se restringe somente às emoções e aos sentimentos, pois engloba também as tendências e as vontades da criança, ou seja, a afetividade, assim como toda conduta, objetiva a adaptação, pois o desequilíbrio reflete uma impressão afetiva particular e a consciência de uma necessidade.

De acordo com Piaget, as noções de equilíbrio e desequilíbrio têm um significado essencial no ponto de vista afetivo e cognitivo, o que implica em uma reflexão sobre os processos de assimilação e acomodação afetivas. Tendo a assimilação como o interesse principal no "eu" e a compreensão do objeto como tal, e a acomodação como o interesse relativo ao ajuste dos esquemas do pensamento aos objetos.

A afetividade e a inteligência são de naturezas distintas, ou seja, a energética da conduta vem da afetividade e as estruturas vêm das funções cognitivas, e assim o campo total junta ao mesmo tempo o sujeito, as relações e os objetos, todos sendo fundamentais para que ocorram as condutas e as interações entre sujeitos e objetos.

Piaget postula a importância de diferenciar a predominância dos aspectos afetivos (ou seja, os interesses), dos aspectos negativos nos meios, as estruturas. Ele se opõe a dicotomia feita entre ação primária e ação secundária, pois para ele as duas possuem aspectos afetivos e cognitivos.

A afetividade é um estado psicológico do ser humano, que pode ou não ser modificado a partir das situações. Segundo Piaget, tal estado psicológico é de grande influência no comportamento e no aprendizado das pessoas, juntamente com o desenvolvimento cognitivo. Ele faz-se presente em sentimentos, desejos, interesses, tendências, valores e emoções, ou seja, em todos os campos da vida.

Se o desenvolvimento afetivo acontece paralelamente ao desenvolvimento cognitivo, as características mentais de cada um desses aspectos serão determinantes para a construção da afetividade.

As crianças assimilam as experiências aos esquemas afetivos do mesmo modo que assimilam as experiências às estruturas cognitivas. O primeiro mês de vida de um bebê é um período de atividade reflexa, dominado por impulsos reflexos e instintivos com os quais buscam alimentação e a libertação de desconforto. Durante este período o afeto é associado com reflexos.

O corpo do bebê permanece o foco de toda atividade e afeto porque ainda não diferencia o "eu" como um objeto distinto dos outros objetos. Durante o segundo ano de vida, as crianças começam a experimentar o sucesso e o fracasso do ponto de vista afetivo e a transferir afetividade para outras pessoas.

Por sua vez, até os dois anos aproximadamente, todas as emoções e sentimentos do bebê são gerados em seu contato com a mãe e centrados no corpo da criança, e assim, à medida que o corpo infantil se separa do corpo das outras pessoas, a vida afetiva do bebê vai se descentralizando e se transferindo para os outros.

Portanto, o sentimento de amor-afetividade construído primeiramente entre mãe e filho vai se generalizando aos outros, como ao pai, ao irmão e aos companheiros, havendo assim uma modificação ou acomodação aos fatos e situações passadas carregadas de emoções.

O processo de formação e enriquecimento afetivo da criança é contínuo e inovador, pois a formação de sentimentos está diretamente ligada aos valores e evolução da sociedade, ou seja, os sentimentos interindividuais são construídos com a cooperação do outro e os intra-individuais são elaborados com a ajuda do outro, sendo a troca intrapessoal.

Com a diferenciação cognitiva que a criança faz de si em relação aos objetos, sentimentos como gostar e não gostar podem começar a ser dirigidos para os outros, constituindo-se assim uma porta para o intercâmbio social.

Com o período pré-operacional (2 a 7 anos), surgem os primeiros sentimentos sociais em decorrência da linguagem falada e da representação. A representação permite a criação de imagens das experiências, incluindo as experiências afetivas.

IMPORTÂNCIA DE VYGOSTKY

O psicólogo russo, Lev Vygotsky, enfatizava o processo histórico-social e o papel da linguagem no desenvolvimento do indivíduo. Sua questão central é a aquisição de conhecimentos pela interação do sujeito com o meio. Para o teórico, o sujeito é interativo, pois adquire conhecimentos a partir de relações intra e interpessoais e de troca com o meio, em um processo denominado mediação.

Vygotsky pretendia uma abordagem que buscasse a síntese do homem como ser biológico, histórico e social. Ele sempre considerou o homem inserido na sociedade e, sendo assim, sua abordagem sempre foi orientada para os processos de desenvolvimento do ser humano com ênfase da dimensão sócio-histórica e na interação do homem com o outro no espaço social. Sua abordagem sócio-interacionista buscava caracterizar os aspectos tipicamente humanos do comportamento e elaborar hipóteses de como as características humanas se formam ao longo da história do indivíduo.

De acordo com Vygotsky, as características individuais e até mesmo suas atitudes individuais estão impregnadas de trocas com o coletivo, ou seja, mesmo o que tomamos por mais individual de um ser humano foi construído a partir de sua relação com o indivíduo.

Vygotsky postula uma visão essencialmente social para o processo de aprendizagem.

É através da interação com outros que a criança incorpora os instrumentos culturais. O autor destaca a importância das interações sociais, que trazem a ideia da mediação e da internalização como aspectos fundamentais para a aprendizagem, defendendo que a construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas.

Sendo assim, é a partir de sua inserção na cultura que a criança, através da interação social com as pessoas que a rodeiam, se desenvolve, como acontece nas relações humanas, em que os estímulos cognitivos e afetivos são extremamente importantes na construção do sujeito. Todo trabalho desenvolvido pelo professor na escola depende de envolvimento afetivo, esta relação afetiva contribuirá para o desenvolvimento educacional.

Um dos pressupostos básicos de Vygotsky (1996), é a ideia de que o ser humano constitui-se com outro ser social. Para muitos educadores, o desenvolvimento intelectual e a aprendizagem ainda são os aspectos mais importantes na escola. Assim, a união desses dois fatores faria do educando um ser completo, em que se trabalharia o intelecto junto com o emocional.

A afetividade não modifica a estrutura do funcionamento da inteligência, porém, poderá acelerar ou retardar o desenvolvimento dos indivíduos. Na perspectiva sociointeracionista, sociocultural ou socio-histórica, abordada por Vygotsky, a relação entre o desenvolvimento e a aprendizagem está atrelada ao fato de o ser humano viver em meio social, sendo este a alavanca para estes dois processos. Isso quer dizer que os processos caminham juntos, ainda que não em paralelo.

Para Vygotsky, o desenvolvimento, principalmente o psicológico/mental (que é promovido pela convivência social, pelo processo de socialização, além das maturações orgânicas), depende da aprendizagem, na medida em que se dá por processos de internalização

de conceitos, que são promovidos pela aprendizagem social, principalmente aquela planejada no meio escolar.

O sujeito (a criança) é reconhecido como ser pensante, capaz de vincular sua ação à representação de mundo que constitui sua cultura, sendo a escola um espaço e um tempo onde este processo é vivenciado, onde o processo de ensino-aprendizagem envolve diretamente a interação entre sujeitos.

Para Vygotsky, a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), é a distância entre o nível de desenvolvimento real, ou seja, determinado pela capacidade de resolver problemas independentemente, e o nível de desenvolvimento proximal, demarcado pela capacidade de solucionar problemas com ajuda de um parceiro mais experiente.

São as aprendizagens que ocorrem na ZDP que fazem com que a criança se desenvolva ainda mais, ou seja, desenvolvimento com aprendizagem na ZDP leva a mais desenvolvimento, por isso dizemos que, para Vygotsky, tais processos são indissociáveis.

É justamente nesta Zona de Desenvolvimento Proximal que a aprendizagem vai ocorrer. A função de um educador escolar, por exemplo, seria, por conseguinte, favorecer esta aprendizagem, servindo de mediador entre a criança e o mundo. É assim que as crianças, possuindo habilidades parciais, as desenvolvem com a ajuda de parceiros mais habilitados, até que tais habilidades passem de parciais a totais.

Para Vygotsky, o processo de aprendizagem deve ser olhado por uma ótica prospectiva, ou seja, não se deve focalizar o que a criança aprendeu, mas sim o que ela está aprendendo.

IMPORTÂNCIA DE WALLON

Jean Piaget (1896-1980) e Lev Vygotsky (1896-1934), atribuíam importância à afetividade no processo evolutivo, mas foi o educador francês Henri Wallon (1879-1962) que se aprofundou na questão. Ao estudar a criança, ele não coloca a inteligência como o principal componente do desenvolvimento, mas defende que a vida psíquica é formada por três dimensões: motora, afetiva e cognitiva, que coexistem e atuam de forma integrada.

Wallon defende que o processo de evolução depende tanto da capacidade biológica do sujeito, quanto do ambiente, que o afeta

de alguma forma. Ele nasce com um equipamento orgânico, que lhe fornece determinados recursos, mas é o meio que vai permitir que essas potencialidades se desenvolvam.

Assim como Piaget, Wallon divide o desenvolvimento em etapas, que para ele são cinco: impulsivo-emocional; sensório-motor e projetivo; personalismo; categorial; e puberdade e adolescência. Ao longo desse processo, a afetividade e a inteligência se alternam. No primeiro ano de vida, a função que predomina é a afetividade. O bebê a usa para se expressar e interagir com as pessoas, que reagem a essas manifestações e intermedeiam a relação dele com o ambiente. Depois, na etapa sensório-motora e projetiva, a inteligência prepondera. É o momento em que a criança começa a andar, falar e manipular objetos e está voltada para o exterior, ou seja, para o conhecimento.

Essas mudanças não significam, no entanto, que uma das funções desaparece, podendo haver, inclusive, regressão: as aquisições de um estágio são irreversíveis, mas o indivíduo pode retornar a atividades anteriores ao estágio. Um estágio não suprime os comportamentos anteriores, mas sim os integra, resultando em um comportamento que é a acumulação das partes.

Wallon, em sua teoria, fez a distinção entre emoção e afetividade: afetividade é um conceito amplo, que inclui um componente orgânico, corporal, motor, plástico (emoção), um componente cognitivo, representacional (sentimentos) e um componente expressivo (comunicação).

A obra de Henri Wallon é perpassada pela ideia de que o processo de aprendizagem é dialético, no qual não é adequado postular verdades absolutas, mas, sim, revitalizar direções e possibilidades.

Uma das consequências desta postura é a crítica às concepções reducionistas. Wallon propõe o estudo da pessoa completa, tanto em relação a seu caráter cognitivo quanto ao caráter afetivo e motor. Para o referido educador, a cognição é importante, mas não mais importante que a afetividade ou a motricidade.

Wallon reconhece que o fator orgânico é a primeira condição para o desenvolvimento do pensamento; ressalta, porém, a importância das influências do meio. O homem, para Wallon, seria o resultado de influências sociais e fisiológicas, de modo que o estudo do psiquismo não pode desconsiderar nem um nem outro

aspecto do desenvolvimento humano. Por outro lado, para Wallon, as potencialidades psicológicas dependem especialmente do contexto sócio-cultural. O desenvolvimento do sistema nervoso, então, não seria suficiente para o pleno desenvolvimento das habilidades cognitivas.

Wallon define que desenvolvimento é o processo pelo qual o indivíduo emerge de um estado de completa imersão social, em que não se distingue do meio, para um estado em que pode distinguir seus próprios motivos dos motivos oriundos do ambiente. Deste modo, desenvolver-se seria sinônimo de identificar-se em oposição ao mundo exterior.

Para Wallon, a cognição está alicerçada em quatro categorias de atividades cognitivas específicas, denominadas de “campos funcionais”. Os campos funcionais seriam o movimento, a afetividade, a inteligência e a pessoa.

O movimento seria um dos primeiros campos funcionais a se desenvolver e serviria de base para o desenvolvimento dos demais. Os movimentos, enquanto atividades cognitivas, podem estar em duas categorias: movimentos instrumentais e movimentos expressivos. Os movimentos instrumentais são ações executadas para alcançar um objetivo imediato e, em si, não diretamente relacionado com outro indivíduo; este seria o caso de ações como andar, pegar objetos, mastigar etc. Já os movimentos expressivos têm uma função comunicativa intrínseca, estando usualmente associados a outros indivíduos ou sendo usados para uma estruturação do pensamento do próprio ser que produz o movimento. Falar, gesticular, sorrir seriam exemplos de movimentos expressivos.

A afetividade, por sua vez, seria a primeira forma de interação com o meio ambiente e a motivação primeira do movimento. À medida que o movimento proporciona experiências à criança, ela vai respondendo através de emoções, diferenciando-se, para si mesma, do ambiente. A afetividade é o elemento mediador das relações sociais primordial, portanto, dado que separa a criança do ambiente.

As emoções são, também, a base do desenvolvimento do terceiro campo funcional, a inteligência. Na obra de Wallon, a inteligência tem um significado bem específico, estando diretamente relacionada com duas importantes atividades cognitivas humanas:

o raciocínio simbólico e a linguagem. À medida que a criança vai aprendendo a pensar nas coisas fora de sua presença, o raciocínio simbólico e o poder de abstração vão sendo desenvolvidos e, ao mesmo tempo, as habilidades linguísticas vão surgindo no indivíduo, potencializando sua capacidade de abstração.

Wallon dá o nome de pessoa ao campo funcional que coordena os demais. Seria este também o campo funcional responsável pelo desenvolvimento da consciência e da identidade do eu.

As relações entre estes quatro campos funcionais não são harmônicas, de modo que constantemente surgem conflitos entre eles. A pessoa, como campo funcional, cumpre um papel integrador importante, mas não absoluto. A cognição desenvolve-se de maneira dialética, em um constante processo de tese, antítese e síntese entre os campos funcionais.

Wallon afirma que os estágios se sucedem de maneira que momentos predominantemente afetivos sejam sucedidos por outros predominantemente cognitivos. Usualmente, períodos predominantemente afetivos ocorrem em momentos focados na construção do eu, enquanto estágios com predominância cognitiva estão mais direcionados à construção do real e à compreensão do mundo físico. Este ciclo não é encerrado, mas perdura pela vida toda, uma vez que a emoção sobrepõe-se à razão quando o indivíduo se depara com o desconhecido. Deste modo, afetividade e cognição não são estanques e se revezam na dominância dos estágios.

Do nascimento até aproximadamente o primeiro ano de vida, a criança passa por uma fase denominada estágio impulsivo-emocional. É um período predominantemente afetivo, no qual as emoções são o principal instrumento de interação com o meio. A relação com o ambiente desenvolve, na criança, sentimentos e fatores afetivos.

O movimento como campo funcional ainda não está desenvolvido, a criança não possui perícia motora. Os movimentos infantis são um tanto quanto desorientados, mas a contínua resposta do ambiente ao movimento infantil permite que a criança passe da desordem gestual às emoções diferenciadas.

Durante a primeira etapa, denominada por Wallon de Estágio Impulsivo, os atos da criança têm o objetivo de chamar a atenção do adulto por meio de gestos, gritos e expressões, para que ele satisfaça as suas necessidades e garanta assim a sua sobrevivência.

Mediante o desenvolvimento, a simbiose respiratória do feto se transforma em simbiose alimentar no recém-nascido e, por volta dos três meses, em simbiose afetiva, característica específica da espécie humana. A esta fase Wallon chama de Estágio Emocional. A criança, aos poucos, aprende a contagiar o adulto com sorrisos e sinais de contentamento, o que caracteriza laços de caráter afetivo com aqueles que estão à sua volta e demonstra necessidade de manifestações afetivas, que precisam ser satisfeitas para que se tenha um desenvolvimento satisfatório.

A criança, que está primeiramente ligada à mãe, aos poucos diferencia outras pessoas que desempenham papéis significativos em relação a ela, como, por exemplo, pai, avós, tios e padrinhos. Sua sociabilidade se amplia rapidamente quando começa a andar e a falar, pois ao caminhar a criança pode interagir mais com o ambiente que a cerca. A aquisição da linguagem a possibilita ao nomear objetos e pessoas, diferenciá-los.

Dos três meses de idade até aproximadamente o terceiro ano de vida, a criança passa pelo estágiosensório-motor e projetivo. É uma fase na qual a inteligência predomina e o mundo externo prevalece nos fenômenos cognitivos. A inteligência, nesse período, é tradicionalmente particionada entre inteligência prática, obtida pela interação de objetos com o próprio corpo, e inteligência discursiva, adquirida pela imitação e apropriação da linguagem. Os pensamentos, nesse estágio, muito comumente se projetam em atos motores.

Ao estágio sensório-motor e projetivo sucede um momento com predominância afetiva sobre o indivíduo: o estágio do personalismo. Este estágio, que se estende aproximadamente dos três aos seis anos de idade, é um período crucial para a formação da personalidade do indivíduo e da auto-consciência. Uma consequência do caráter auto-afirmativo deste estágio é a crise negativista: a criança opõe-se sistematicamente ao adulto. Por outro lado, também se verifica uma fase de imitação motora e social.

Nessa idade, a criança também costuma ingressar na escola maternal, inserindo-se numa comunidade de crianças semelhantes a ela, onde as relações interpessoais serão diferentes das relações familiares. As necessidades dessa faixa etária ainda exigem, do professor, cuidados de caráter pessoal diretos, quase como os da mãe.

O estágio do personalismo é sucedido por um período de acentuada predominância da inteligência sobre as emoções. Nessa fase, usualmente chamada de estágio categorial (entre os seis e os onze anos de idade), a criança começa a desenvolver as capacidades de memória e atenção voluntárias.

No estágio categorial, o poder de abstração da mente da criança é consideravelmente amplificado. Provavelmente, por isto mesmo, é nesse período que o raciocínio simbólico se consolida como ferramenta cognitiva.

O desenvolvimento cognitivo da criança está aguçado e a sua sociabilidade ampliada. A criança se vê capaz de participar de vários grupos com graus e classificações diferentes, segundo as atividades de que participa. Esta etapa é importante para o desenvolvimento das aptidões intelectuais e sociais da criança.

Mais ou menos a partir dos doze anos, a criança começa a passar pelas transformações físicas e psicológicas da adolescência. Este é um estágio predominantemente afetivo, no qual o indivíduo passa por uma série de conflitos internos e externos. Os grandes marcos desse estágio são a busca de auto-afirmação e o desenvolvimento da sexualidade.

Os estágios de desenvolvimento não se encerram com a adolescência. Em verdade, para Wallon, o processo de aprendizagem sempre implica na passagem por um novo estágio. O indivíduo, ante algo em relação ao qual tem imperícia, sofre manifestações afetivas que levarão a um processo de adaptação. O resultado será a aquisição de perícia pelo indivíduo. O processo dialético de desenvolvimento jamais se encerra.

A Teoria das Emoções é de grande importância na obra de Wallon. Segundo o autor, a emoção é a exteriorização da afetividade, um fato fisiológico nos seus componentes humorais e motores e, ao mesmo tempo, um comportamento social na sua função de adaptação do ser humano ao seu meio.

A emoção, antes da linguagem, é o meio utilizado pelo recém-nascido para estabelecer uma relação com o mundo humano. Gradativamente, os movimentos de expressão, primeiramente fisiológicos, evoluem até se tornarem comportamentos afetivos mais complexos, nos quais a emoção, aos poucos, cede terreno aos sentimentos e depois às atividades intelectuais.

IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO ENTRE PROFESSOR E ALUNO NA APRENDIZAGEM

Vygostky explicita claramente sua abordagem unificadora entre as dimensões cognitivas e afetivas do funcionamento psicológico. Para ele, a forma de pensar, que junto com o sistema de conceito nos foi imposta pelo meio que nos rodeia, inclui também nossos sentimentos. Não sentimos simplesmente: o sentimento é percebido por nós sob a forma de ciúme, cólera, ultraje, ofensa. Se dizemos que desprezamos alguém, o fato de nomear os sentimentos faz com que estes variem, já que estabelecem uma certa relação com nossos pensamentos.

Tais interações podem resultar, para a criança, em sentimentos como de competência ou de frustração, inferioridade, fracasso e incompetência. Nas relações sociais que se estabelecem na escola, cabe ao professor um papel de destaque. O professor que acredita no potencial de seu aluno dispensa-lhe maior atenção, demandando maior expectativa acadêmica. O professor que tem comportamento contrário poderá promover, em seu aluno, baixa expectativa, o que poderá influenciar negativamente seu autoconceito e autoestima.

Quando uma criança apresenta dificuldade para aprender, segundo a Psicopedagogia, uma das primeiras tarefas do professor é o resgate da autoestima do educando, pois ninguém consegue aprender se não conseguir investir na própria aprendizagem, se não tiver o desejo de aprender e acreditar nas suas possibilidades. Então, cabe ao professor oferecer aos seus alunos oportunidades de acertos, experiências positivas que conduzam ao desejo de continuar aprendendo para continuar acertando.

O aluno não recebe o fracasso escolar como um desafio a ser superado, afinal, isso requer uma maturidade que a criança não possui. Será necessário que o professor presenteie seu aluno com um recurso valioso: o elogio, que é altamente reforçador do sucesso.

O domínio do campo afetivo vai desde a parte física de reconhecimento de sensações e percepções até a percepção subjetiva de vivências, sejam estas conscientes ou inconscientes. Embora tudo isso esteja na dependência de fatores como temperamento, humor e traços de personalidade, que configuram cada um de nós, a verdade é que a afetividade penetra em todos os aspectos da vida

psíquica, influencia e é influenciada por todos os demais processos psíquicos, como motivação, memória, percepção, inteligência, pensamento, linguagem e vontade. O estudo das emoções acompanha a evolução da ciência e observa-se o interesse em compreender o ser humano em suas reações mais íntimas e em suas atuações no meio em que vive.

IMPORTÂNCIA DA AUTO ESTIMA

O conceito de autoestima é melhor compreendido quando é conhecido, de início, o auto-conceito e seus constituintes. O auto-conceito resulta na avaliação que o indivíduo faz de si mesmo e divide-se em auto-conceito real (avaliação real de si mesmo) e avaliação ideal (como o indivíduo gostaria de ser).

O auto-conceito tem seus constituintes que são: a autoimagem, que é o que o indivíduo pensa a respeito de si mesmo; a autoeficácia, que diz respeito à confiança do indivíduo na sua capacidade de realizações, de compreensão; e a autoestima, que diz respeito ao que a pessoa sente diante de suas conclusões a respeito de si mesmo.

O auto-conceito origina-se de fatores externos e internos que rodeiam o indivíduo. Os fatores internos são tudo aquilo que as influências externas plantam no seu interior, ou seja, são internalizações, que produzem os mais diversos resultados na construção da identidade do ser, ou seja, os efeitos negativos ou positivos são maiores na vida de algumas pessoas e menores na vida de outras. O que estas ouvem a seu respeito pode colaborar para a raiz do seu auto-conceito, aliado às avaliações de ordem psicológica cognitiva, motor e física. Ao internalizar avaliações negativas vindas do ambiente externo, o indivíduo passa a se comportar tal qual a avaliação negativa apresentada. Uma pessoa que cresce ouvindo que ela não presta, por exemplo, passa a pensar e a se mostrar para a sociedade como uma pessoa que realmente não presta.

As internalizações surgem nas relações grupais, em que o ser humano descobre o mundo através da interação com o outro. Inicia com a relação mãe/filho e se diferencia conforme as diversas fases da vida.

Segundo Vygotsky, as experiências anteriores dos adultos interferem no modo de agir da criança no seu ambiente, o que ocasiona uma internalização das orientações transmitidas. A internalização das informações obtidas faz com que a criança tenha suas funções psicológicas (percepção, atenção, memória e capacidade para solucionar os problemas) modificadas e influencia seus conceitos sobre si mesmo e sobre o mundo, levando-a a se aplaudir diante do sucesso e a ser severa consigo mesma diante de seus fracassos.

Para Wallon, o indivíduo só se percebe diferenciado através das interações sociais. Quando recém-nascido, não percebe tão diferenciação por, ainda, não estabelecer contatos suficientes com seu meio.

A autoestima é um dos fatores de ordem interna que motivam o adulto para a aprendizagem, juntamente com satisfação, qualidade de vida, etc., pois é fruto de interação social, que propicia o acesso à cultura através da troca de experiências, de informações, ou seja, o fortalecimento do vínculo resulta em aprendizagem. A autoestima é como o indivíduo se sente diante da avaliação que faz de si mesmo. Portanto, um constituinte afetivo do auto-conceito. Refere-se ao modo do indivíduo interagir com o ambiente e consigo mesmo. Quem tem boa autoestima gosta e confia em si mesmo, sentindo-se capaz de enfrentar a vida com mais confiança e otimismo, é mais criativo em tudo o que faz e sente prazer diante de suas realizações.

Tudo isso deve ser cultivado desde a infância, amando e desejando a criança desde a sua concepção e proporcionando-a um ambiente afetuoso e confiável (família, escola, amizades), pois as experiências contidas nesse ambiente farão com que as emoções do indivíduo se manifestem. Assim, a criança se perceberá (quando adulta) como digna de receber e dar amor, solucionando problemas de relacionamentos e reconhecendo seu valor e suas potencialidades e, conseqüentemente, não se deixará abater pelas referências negativas externas. Amar é a peça-chave na construção da autoestima.

Enquanto a autoestima faz a pessoa se sentir confiante e a leva ao seu sucesso pessoal e profissional, a baixa autoestima, desencadeada por múltiplos fatores, produz sensação de abandono, solidão

e não permite que o indivíduo busque e conquiste seu espaço na sociedade, que ele desenvolva seus talentos.

Características da pessoa com baixa autoestima: Não luta pelos seus direitos e se submete às imposições sem o menor questionamento; não tem autoconfiança para argumentar sobre suas ideias; não sabe superar os momentos difíceis da vida; não sabe lidar com as críticas, pois não entende que essas contribuem para o seu crescimento e não percebe o que precisa mudar em sua vida; tem dificuldade de dizer não, pois tem medo de ser rejeitado, de não agradar; sofre por antecipação por achar que não vai dar conta do que deve ser feito; pede licença para estar no mundo, pede desculpas o tempo todo por achar que está sempre incomodando; é uma pessoa que não sabe receber elogios.

Durante o processo de aprendizagem, a mente acompanha o desenvolvimento emocional. Caso contrário, ocorre a dispersão do aluno. Assim, conclui-se que despertar a afetividade do aluno é a chave do sucesso para o processo ensino-aprendizagem, pois a percepção que o mesmo tem de suas habilidades fortalece seu auto-conceito e torna-o confiante para realizar tarefas, o que resulta em sucesso. Para o aluno que tem um baixo auto-conceito, os novos desafios parecem-lhe tormentos, pois se acha incapaz de realizá-los.

É de suma importância, para a aprendizagem, uma autoestima elevada através da afetividade entre professor e aluno, pois a autoestima elevada faz com que o indivíduo se valorize, descubra a sua importância no mundo. Assim, o indivíduo tem uma mente livre para adquirir conhecimentos, o seu desejo pelas descobertas é mais aguçado, pois a pessoa está bem consigo mesma para enfrentar seus problemas e satisfazer seus interesses. Quanto maior a autoestima, maior é a criatividade. Quem se sente amado, aprende a distribuir amor, sente amor pelo ato de aprender e, assim, desenvolve sua personalidade.

IMPORTÂNCIA DA ESCOLA

Atualmente, a família busca os mais diversos tipos de interesses, em especial os interesses profissionais. Isso resulta em pouco tempo para seus filhos. Estes, embora tenham casa, comida,

roupas, etc., sentem-se desamparados emocionalmente e procuram na escola (principalmente na figura do professor) o carinho e a atenção que não têm em seus lares, fato que não é diferente numa classe de jovens e adultos. A importância do relacionamento entre professor e aluno dá-se no sentido de permitir que o aluno exponha seus sentimentos e, conseqüentemente, explore suas próprias fantasias e transforme-as em conhecimento.

Devido à ansiedade que o processo de aprendizagem provoca no sujeito diante de novas situações, o aluno deve contribuir para uma interação entre conhecimento e afeto, e para que esta resulte no desenvolvimento científico e pessoal do sujeito. Para isso, é preciso que o professor faça com que o aluno sinta-se envolvido, antes afetivamente para, depois, fazer com que ele sinta-se atraído pelo objeto de estudo.

Para que a falta de afetividade não seja mais um sintoma escolar na vida do aluno, é necessário que não só o corpo docente, mas toda a instituição de ensino trabalhe com uma prática pedagógica que possibilite o aluno trabalhar com prazer, tenha prazer em estar dentro de sua escola, buscando maneiras atrativas de transmitir os conteúdos e utilizando técnicas que prendam a atenção dos alunos até o fim da aula.

É bom dar oportunidade para que os alunos exponham suas realizações. O professor deve, também, valorizar todo o conhecimento do aluno trazido para a sala de aula: seus saberes culturais, profissionais, suas experiências de vida, bem como sua origem étnica, as características de seu local de origem, sua gente, seu modo de vida, pois os saberes antigos ajudam na busca de novos saberes.

Falar de afetividade no ato educacional, mais precisamente na relação professor-aluno, é falar de como lidar com as emoções, com a disciplina e com a postura do conflito eu-outro. Vale ressaltar que essa postura de conflito eu-outro ocorre em dois momentos distintos da vida do aluno: na infância e na adolescência. Para a criança, o conflito se dá com as diversas interferências da família, sua primeira comunidade, e da escola (ou qualquer outro ambiente que ela frequente) em sua vida. Para o adolescente, o conflito ocorre com o estranhamento de si com o mundo que o cerca. A sociedade acaba influenciando no desenvolvimento psíquico do aluno.

O professor deve estar atento e consciente de sua responsabilidade como educador. Se o professor tiver conhecimento do conflito eu-outro na construção da personalidade do aluno, com certeza, ele saberá conduzir as relações e receberá esses estímulos com mais calma, não tomando os mesmos como uma questão pessoal. O professor precisa compreender o aluno e seu universo sócio-cultural. Mas conhecer esse aluno (e seu universo) implica em uma pré-disposição de conhecê-lo. Cabe ao professor investigar mais esse aluno e, ao longo de sua formação, não deixar que o mesmo acumule questionamentos.

Hoje, muito se sabe que o lado intelectual caminha de mãos dadas com o lado afetivo. Considerando esses pontos discutidos, o relacionamento entre professor e aluno deve ser de amizade, de respeito mútuo, de troca de solidariedade, não aceitando de maneira alguma um ambiente hostil e opressor que semeie o medo e a raiva no contexto de sala de aula. A prática pedagógica deve sempre prezar o bem estar do educando. Quando o educador consegue entender o poder dessa pedagogia do amor, mais e mais alunos aprenderão com maior facilidade e gosto e, acima de tudo, mais e mais professores notáveis e inesquecíveis passarão pela vida dos alunos deixando suas marcas positivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criança traz para o ambiente escolar toda a carga afetiva de seu desenvolvimento com seus familiares. Cabe ao professor e aos profissionais envolvidos nesta relação propiciar um ambiente acolhedor e de compreensão, para que as crianças possam desenvolver suas potencialidades amplamente. Todos esses aspectos devem ser compreendidos como importantes na construção global do indivíduo, não havendo um fator mais importante que o outro. A importância do professor na construção e no desenvolvimento de aprendizagem está em sua atuação como mediador dos interesses que permeiam a aprendizagem e a afetividade.

A criança precisa sentir-se segura, acolhida e protegida por todos que fazem parte do meio em que está inserida (família, escola, sociedade). Partindo desta perspectiva, verificamos a real necessidade de que todos os agentes estejam comprometidos, tenham

o mesmo objetivo e demonstrem afetividade, para que a criança possa ter condições de desenvolver plenamente seu cognitivo no processo ensino aprendizagem.

O ser humano é um ser essencialmente emocional e os aspectos da emoção são os que mais norteiam a nossa vida. A emoção é o primeiro elo de comunicação do indivíduo com o mundo externo, e dela deriva a afetividade. É a incessante ligação da motricidade com as emoções, que prepara a gênese das representações, que simultaneamente, precede a construção da ação, na medida em que significa um investimento em relação ao mundo exterior.

A vida em sociedade é necessária e essencial e acontece em vários lugares como na família, na escola, na sociedade e o ser humano não consegue se desenvolver sem o outro. Por esta razão, é preciso fomentar a diversidade e enfrentar os desafios de conviver socialmente, sendo a afetividade essencial para essa interação principalmente no âmbito escolar.

Concluindo, o relacionamento afetivo proporciona interação, respeito, dedicação, e vontade de aprender. O professor deve propiciar excelentes oportunidades para elevar o rendimento escolar dos educados, tornando a aprendizagem mais agradável e produtiva. A interação entre afetividade e aprendizagem poderá produzir a um ambiente indispensável para o pleno desenvolvimento do indivíduo.

REFERÊNCIAS

PIAGET, J. **A psicologia da criança**. São Paulo: Bertrand, 1974.

PIAGET, Jean. **A epistemologia genética/Sabedoria e ilusões da filosofia/Problemas de psicologia genética**. Traduções Nathanael C. Caixeiro, Zilda Abujamra Daeir e Celia E. A. Di Piero. 2º ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo, Ícone/Edusp, 1996.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WALLON, H. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Estampa 1975.

DOI: 10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT09.003

Fabio Marques de Oliveira Neto | Vaneska Oliveira Caldas
Waleska Barroso dos Santos Kramer Marques